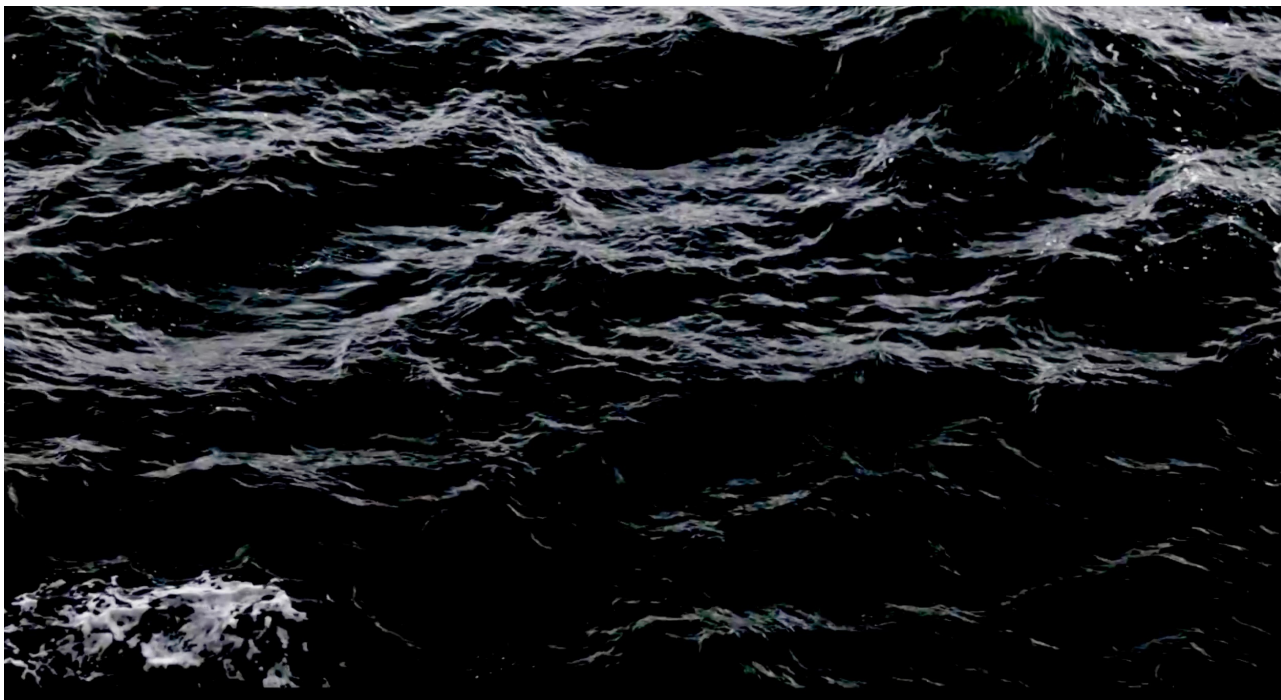


Luz obscura: o passado ditatorial português

Lídia Ars Mello



A palavra obscura adjectiva o que é sombrio, escuro, não claro, turvo, confuso, difícil de entender. Foi assim o tempo autoritário em Portugal de 1926 a 1974, tempo que não se deve esquecer e nem ignorar, mas, sim, acessa-lo para dar um novo significado e tentar evitar que o futuro volte a ser obscuro.

O filme *Luz obscura*, 2017, da realizadora portuguesa Susana de Sousa Dias, em seus 77 min, nos convida a ver uma imagem do regime político ditatorial português. Partindo do arquivo da então polícia política - a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), com foco na vida da família Pato, o filme procura revelar como o autoritarismo operava no plano individual/familiar. Inicia com um prólogo que nos dá a saber e a ler:

“Durante 48 anos Portugal viveu sob a mais longa ditadura da Europa ocidental do Séc. XX. António de Oliveira Salazar, foi o ideólogo e chefe. Deus, pátria e família, os seus fundamentos; a Igreja, o exército e a polícia política (PIDE/DGS) os seus pilares. O conceito de família sobrepunha-se ao de cidadão na organização da sociedade. Milhares de pessoas foram perseguidas. O comunismo era considerado ‘a grande heresia’. Octávio Pato, tal como muitos outros militantes do Partido Comunista Português, foi preso e torturado. Viveu 14 anos da sua vida na clandestinidade. Álvaro, Isabel e Rui, são seus filhos, nascidos desse tempo. Todos eles foram fotografados enquanto

prisioneiros, em típicas fotografias de cadastro ou de corpo inteiro, em situação de aparente cotidiano familiar, nos pátios da prisão”.

A primeira imagem do filme curiosamente é do mar em movimento lentíssimo e filmado em cor preto-chumbo (imagem acima). Um mar negro. Uma metáfora do estado pantanoso e violento tempo da ditadura salazarista, vivenciada na pele pelos personagens abordados no filme. Um mal-estar que a realizadora tenta extrair do profundo da mente dos remanescentes da família Pato, cujos depoimentos ouvimos e vemos sendo puxados para fora do denso corpo memorial deles. Uma desafiante tarefa que a Susana se propõe em *Luz obscura*.

E logo ouvimos em *voz off* o testemunho vivo de uma das personagens: Isabel evoca seu passado e surgem imagens da casa onde ela dividia a infância com os irmãos Álvaro e Rui. Aquilo que restou em sua memória. Ela rememora que os três irmãos ainda crianças tiveram suas vidas aprisionadas pela PIDE, e o pai, Octávio Floriano Rodrigues Pato (1925-1999 - já estava encarcerado nos porões ditatoriais, sendo sua primeira prisão em 1961.



Octávio Floriano Rodrigues Pato (1925-1999)

O filme desliza na tela e ouvimos a *voz off* de Álvaro (1929-2006), narrando uma infância incomum. Desde criança, ele e seus irmãos - Isabel e Rui - viviam na clandestinidade, usando codinomes. Eles, só muito depois passariam a ter uma identidade. Seus pais, membros do Partido Comunista Português, viveram parte de suas vidas clandestinos lutando

contra os governos ditatoriais. Viver clandestino para além de não ter uma identidade, significava não fazer perguntas nem obter respostas, falar pouco e saber pouco, mesmo sobre a família, e agir nas entrelinhas, não ter endereço, se ver privado de exercer uma profissão, não se relacionar com a família e amigos, não acompanhar o crescimento dos filhos, enfim, viver incessantemente na *corda bamba*, sob pressão e em risco.

Álvaro e Isabel eram filhos de Antónia Joaquina Monteiro (imagem abaixo à esquerda) e de Octávio Pato, que era também pai de Rui - cuja mãe era Albina Fernandes (1929-1970) imagem abaixo à direita, a segunda esposa de Octávio Pato. Os três filhos deles, Álvaro, Isabel e Rui, chegaram a conviver parte de suas vidas numa mesma casa, mas como estranhos, mesmo sendo parentes, uma vez que a vida deles era permeada de ausências e distâncias, silêncios e interditos, clandestinidade, prisões e torturas.



Ouvimos os ex-presos políticos, Isabel e Álvaro, entrevistados em *Luz obscura*, sobreviventes da tirania da PIDE, relataram que quando visitavam o pai e a mãe na prisão, ainda crianças, a polícia política escutava e controlava todas as conversas deles no chamado “parlatório” - sala de visitas. Essas visitas, para eles, eram sempre traumáticas, assim como as recordações deste tempo.

Álvaro descreve seu passado com a voz embargada, visivelmente emocionado. Ele ainda carrega consigo uma dor persistente, uma ferida difícil de curar. Uma das lembranças marcantes que evoca é sobre a sua mãe, Antónia Joaquina Monteiro. Ele nunca tinha visto se quer uma fotografia dela, que fôra presa quando ele era criança. Só depois de muitos anos e de forma inesperada pode vê-la, conhecê-la na casa onde ele viveu sua infância, a casa da avó paterna Maria da Conceição

Rodrigues Pato, mulher quem sustentava emocionalmente toda a família e que, entre 1949 e 1974, percorreu as prisões ditatoriais para visitar os filhos, a nora ou o neto. Outra inusitada revelação que Álvaro faz é relativa ao seu avô paterno, que não gostava de política e estava do lado do estado de exceção português. Álvaro e sua mãe não conviveram juntos. Não pode haver laços entre eles. Ele e seus irmãos foram atormentados sob a humilhação de serem crianças tratadas como prisioneiros. A mãe também sofreu imenso por ter passado muitos anos na prisão sob torturas e por não ter convivido com os filhos. Não suportando tais traumas, depois de libertada acabou por suicidar-se de forma trágica. O filho, Álvaro, descreve também que a primeira vez foi preso, em 1967, a PIDE aplicou-lhe a chamada *tortura do sono*, durante 11 dias e 11 noites o fizeram andar em círculos na sala de interrogatórios sem o deixar dormir. Contudo ele resistiu e não entregou os companheiros de luta antifascista e resistência política. Mas por causa das torturas que lhe afligiram ficou com graves sequelas no ouvido. No seu depoimento em *Luz obscura*, confessa ainda que ficou surpreso que na PIDE havia muitos jovens torturadores. Ele achava que dentre os torturadores iria encontrar apenas pessoas mais velhas. E revela que nas sessões de tortura, os médicos eram chamados não para socorrer-lo, mas para certificar que ele ainda suportaria mais tortura. Entre prisões e a vida clandestina ele foi libertado definitivamente em 27 de abril de 1974.



Álvaro na prisão em 1972



Álvaro bem depois da sua libertação

Houve também dois tios deles que foram presos pela PIDE, Abel e Carlos Alberto Rodrigues Pato (igualmente militantes do Partido Comunista), sendo o segundo nascido em 1920 e torturado até a morte aos 30 anos, em 1950, ano em que Álvaro nasceu. A família Pato, Álvaro, seu pai, mãe, irmãos e tios foram presos várias vezes e sofreram torturas. Alguns deles morreram sob tortura, como é o caso de Carlos e Rui, irmão de

Álvaro, que teve sua vida foi interrompida pela PIDE naquela época. Um Estado que se dizia defensor da família, teve o poder e crueldade de destruir a vida desta e de tantas outras famílias portuguesas.



Isabel

Há um momento do filme em que Isabel confessa: *“A PIDE sempre fez parte da nossa vida mesmo quando ela não estava na nossa casa”*. Tal confissão revela uma vida vigiada, torturada e controlada pela polícia política portuguesa, que deixou marcas indelévels no corpo e na mente de todos eles.

Isabel e Álvaro pouco se lembram dos detalhes do que presenciaram quando criança, mas no tempo presente, ao acessar esta memória enquanto adultos, trazem às vistas as reminiscências de um passado obscuro. O cinema de Susana possibilita trazer às claras este passado e reduzir os rastros que atravessam os corpos destas vítimas do Estado opressor.

Há um filme brasileiro que eu gostaria de aproximar de *Luz obscura*, igualmente feito com imagens de arquivo da polícia política: **Retratos de Identificação** (2014), de Anita Leandro, documentarista e professora de cinema da UFRJ (embora eu não vá colocar em relação, este filme é próximo também do documentário *48, 2010* de Susana, que igualmente discorre sobre a vida de presos políticos). O documentário de Anita registra a violenta prisão política e conjunta de três revolucionários, ocorrida em 21.11.1969: Maria Auxiliadora Lara Barcelos (Dôra), Antônio Roberto Espinosa e Chael Charles Schreier, pertencentes ao grupo de luta

armada chamado VPR-Vanguarda Popular Revolucionária, que fazia resistência política e armada contra a ditadura militar brasileira. Na época, os três eram estudantes universitários e tinham em torno de 24 anos. Chael foi morto sob tortura em 24.11.1969. Dôra que vivia no exílio em Berlim, não suportando as marcas deixadas pela ditadura em seu corpo e mente, suicidou-se em 1976 aos 31 anos de idade, quando estava prestes a se formar em medicina. Espinosa faleceu em 2018 no Brasil. Um passado, que no filme ressurgiu através das imagens de arquivo (e outras filmadas por Anita) e com ele uma história de crimes cometidos por agentes do Estado. No Brasil os torturadores eram todos homens, foram infelizmente anistiados juntamente com os presos políticos com a Lei de Anistia de 1979 e até hoje não foram julgados. Esta lei era somente para anistiar os presos políticos, mas esta foi a condição imposta pelos militares.



Fotografia de identificação dos militantes tirada pela polícia política

Retratos de identificação dos presos políticos eram comuns também nos registros da ditadura portuguesa. E, ao que me consta, em Portugal diferente do Brasil não houve luta armada e a ditadura teve duas fases, uma de 1926 a 1933 e o Estado Novo de 1933 a 1974, cujo *comandante mor* foi António de Oliveira Salazar. Já no Brasil a ditadura foi comandada por 5 militares de alta patente das Forças Armadas e durou 21 anos, de 1964 a 1985.

Anita, assim como Susana, acessa os arquivos do período ditatorial para tornar visível o que experimentaram aqueles que ousaram lutar contra os governantes autoritários. Por meio dos filmes, ambas buscam dar outro sentido a este histórico passado que seus países pátrios enfrentaram.

Em *Luz obscura* a realizadora portuguesa acessa fotografias de uma família de presos políticos registradas pela própria PIDE, colocando em discussão a opressão e as consequências de um sistema autoritário na vida da família Pato. Arrancar as fotografias dos presos políticos do contexto em que elas foram feitas traz luz a obscuridade de um tempo doloroso e inapagável, e que urge ser repensado. Ela cria um poderoso ensaio fílmico documental usando poucas imagens de arquivo e algumas filmadas, fazendo diferentes enquadramentos nas fotografias com movimentos delicados e temporalidade lenta; mesclando passado e presente; história, memória e realidade; dando ao espectador o tempo de ouvir os relatos e perceber os sentimentos dos indivíduos que narram o que viveram e testemunharam. São os próprios sobreviventes a contar e a reconstruir a história de uma família que foi perseguida, presa e torturada pelo regime, tendo alguns sido mortos sob tortura. Os depoimentos de Isabel e Álvaro, juntamente com a primorosa estética imagética e sonora que compõem o filme, possibilitam criar um retrato da violência da polícia política ditatorial, permitindo este sinistro e histórico passado chegar ao público espectador.

Através do pensamento e da imagem-cinema, Susana contribui para aliviar ou dar alguma serenidade as mentes dos sobreviventes da PIDE. Se é que isso é possível. Pois, como diz o compositor Caetano Veloso numa de suas canções, 'cada um sabe a dor de ser o que se é'; ou melhor, cada um sabe a dor que carrega e como lidar com os males que viveu.

Sobre seu próprio cinema e a ditadura salazarista, numa entrevista concedida a Debordements.fr Susana declara: "Os meus filmes tocam aspectos reprimidos desta história e da memória, tentam trazer "memórias fracas" (uma noção de Enzo Traverso) de volta à vanguarda numa altura em que ainda é possível trabalhar com as testemunhas directas desses tempos".

Trailer de Luz Obscura

P.S. Octávio Pato teve outros dois filhos, possivelmente depois de ser libertado da prisão, e não mencionados no filme. Teve sua última libertação da

prisão em 1970, depois do 25 de abril de 1974 se elege deputado pelo PCP até 1991, falecendo em 1999.

=====

Susana de Sousa Dias é Realizadora e Professora de cinema no curso de Arte Multimédia da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Nasceu em 1962, em Lisboa, onde vive. Tem formação em cinema e em música. Seus filmes foram exibidos e premiados em diversos festivais de cinemas do mundo.

Filmografia 1 média-metragem e 3 longas documentais: *Fordlândia Malaise*, 2019, 40min, *Luz obscura*, 2017, 77 min; *48*, 2010, 93min e *Natureza morta*, 2005, 72min. Filmes roteirizados, montados e dirigidos pela própria Susana, e produzidos pela Kintop e Ansgar Schaefer.

Como Susana inicia a fazer filmes: No início dos anos 2000, fazendo uma investigação no arquivo da polícia política portuguesa, ela teve acesso a fotografias de ex-prisioneiros políticos, arquivo de onde ela vai encontrar o material e tema para realizar as três longas-metragens: *Natureza morta* (2005), *48* (2010) e *Luz obscura* (2017). Já em seu recente filme, a média-metragem *Fordlândia Malaise* (2019), ela parte do que restou do fracassado experimento industrial de Henry Ford, no norte do Brasil, num recanto da Amazônia chamado Fordlândia. Onde a realizadora foi ouvir testemunhos desta memória, as vozes dos habitantes ainda vivos, buscando criar uma narrativa fílmica sobre este pacato povo e lugar.

=====

Lídia Ars Mello é brasileira e atualmente vive em Lisboa. Programadora e curadora, investigadora académica e crítica de cinema. Escreve mensalmente para a revista de cinema portuguesa C7NEMA sobre filmes realizados por mulheres (brasileiros e latino-americanos). É Pós-doutoranda em Estudos Artísticos/Fílmicos na FLUC/Universidade de Coimbra, cuja pesquisa é sobre filmes políticos contemporâneos realizados por cineastas brasileiras. Doutora em Artes/Cinema pela EBA/UFMG/Brasil. Autora do livro *Do cinema de Béla Tarr*, publicado no Brasil em 2019.